



SURFISTAS COMO SOCORRISTAS AQUÁTICOS

Matheus Novaes De Souza, Julia Fernanda Barbosa de Carvalho, Vincenzo Xavier Paes Leme, Marcelo Lacerda Bezerra, Guilherme Carlos Brech

Universidade São Judas Tadeu

Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento, Campus Mooca, guilherme.brech@usjt.br

Introdução

O surfe, é um dos esportes mais antigos que se tem conhecimento, teve origem há mais de 800 anos na Polinésia, integrando espiritualidade, hierarquia social e domínio das ondas entre povos navegadores. Inicialmente praticado por aristocratas havaianos em pranchas de madeira, o esporte foi suprimido no século XVIII pela colonização missionária, mas ressurgiu no início do século XX com a difusão global promovida por Duke Kahanamoku. A evolução técnica, marcada pelo desenvolvimento de pranchas mais leves e versáteis, ampliou sua acessibilidade, alcançando cerca de 35 milhões de praticantes em todo o mundo (Rice, 2021). É uma prática que exige força, velocidade e coordenação (Axel et al., 2018), mas implica riscos como traumatismos e afogamentos por inúmeros motivos (McArthur et al., 2020). Em 2023, o Brasil registrou 5.883 afogamentos, cerca de 16 por dia, 6 vezes mais homens que mulheres, com maioria de crianças acima de 10 anos de idade e adultos, em praias sem guarda-vidas o risco é muito maior (Sobrasa, 2025). Neste sentido, os surfistas se equiparam com salva-vidas em resgates, com sucesso proporcional a sua experiência. A Organização Mundial da Saúde (WHO, 2017) e programas australianos/neozelandeses, elevam percepção de perigos (64,3%) por conta dos treinamentos (Koon, Peden e Brander, 2023). A Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático (Sobrasa, 2025) realizou vários eventos sobre o tema, mas 44 desses, foram direcionados para surfistas, com interesse de capacitá-los, porém no Brasil, faltam estudos comparando algumas variáveis.

Objetivos

Objetivo desse estudo é traçar um perfil dos surfistas que atuam como socorristas nas praias brasileiras.

Metodologia

Estudo transversal desenvolvido na Universidade São Judas Tadeu, (CAEE: 77623324.3.0000.0089, parecer: 6.714.107). Amostra de conveniência convidada por meio de mídias sociais e grupos de WhatsApp, com carta convite. 100 pessoas participaram do estudo. Como critérios de inclusão, ser maior de 18 anos, ambos os sexos, ser surfista capaz de passar a arrebentação e remar/entrar na onda com sua prancha, para os critérios de exclusão, candidatos que se recusaram a responder alguma das perguntas.

Resultados

A maioria dos participantes do estudo eram homens e tinham mais de 40 anos de idade em média (+ 70% ambos). Os surfistas participantes do estudo tinham mais de 20 anos de experiência em média, e cerca de metade dos surfistas se autoavaliaram em nível intermediário de prática (Tabela 1).

Tabela 1. Caracterização e nível dos participantes

Variável	Média	DP
Idade	40,4	9,64
Tempo de experiência no surfe	20,12	12,99
Sexo	n	%
masculino	122	71,30%
feminino	49	28,70%
Profissional do surfe ou relacionado	sim	19,30%
não	138	80,70%
Nível de surfe	iniciante	9,90%
intermediário	90	52,60%
avancado	60	35,10%
profissional	4	2,30%

Conclusões

Em conclusão, os achados sugerem que surfistas socorrista que participaram do estudo eram predominantemente do sexo masculino, com idade acima dos 40 anos, e com 10 anos ou mais de prática de surfe. Estudos futuros devem avaliar se esse perfil se associa a maior eficácia em resgates ou a riscos ocupacionais específicos.

Bibliografia

AXEL, T. A. et al. Field Test Performance of Junior Competitive Surf Athletes following a Core Strength Training Program. International Journal of Exercise Science, v. 11, n. 6, p. 696–707, 2018.

KOON, W.; PEDEN, A. E.; BRANDER, R. W. Impact of a surfer rescue training program in Australia and New Zealand: a mixed methods evaluation. BMC Public Health, v. 23, n. 1, p. 2193, 8 nov. 2023.

MCARTHUR, K. et al. Epidemiology of Acute Injuries in Surfing: Type, Location, Mechanism, Severity, and Incidence: A Systematic Review. Sports, v. 8, n. 2, p. 25, 20 fev. 2020.

RICE, E. L. Surfing. The Journal of Sports Medicine and Physical Fitness, v. 61, n. 8, jul. 2021.

SOBRASA. Afogamentos: o que está acontecendo?

WHO. Global report on drowning: preventing a leading killer.

Agradecimentos

Ao Instituto Ânima – IA. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. O trabalho teve a concessão de Bolsa de Iniciação Científica pelo Programa PROCIÊNCIA Ânima.